

Editorial

A educação básica à luz dos princípios éticos, estéticos e políticos

A educação brasileira vive um momento de intensos debates e transformações. Em meio a currículos e metodologias, um conjunto de princípios fundamentais, consagrado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais, emerge como o verdadeiro alicerce de uma formação que transcende a mera transmissão de conteúdos. Referimo-nos aos princípios éticos, estéticos e políticos, que, juntos, apontam para a construção de uma escola que é, antes de tudo, um espaço de humanização e de desenvolvimento pleno.

Muito se fala sobre a necessidade de preparar os jovens para o mercado de trabalho ou para os desafios tecnológicos. Contudo, a escola que almejamos não pode se restringir a essas dimensões. A perspectiva da formação humana integral, defendida pela BNCC, coloca o estudante no centro do processo educativo em sua complexidade: como ser de relações, de sentimentos, de criação e de ação no mundo. É aqui que os três princípios se entrelaçam para dar sentido a uma educação com uma contextualização articulada.

Os princípios éticos nos convocam a ir além do "certo" e do "errado", visto apontarem para uma superficialidade. Eles nos falam sobre a construção de uma convivência pautada pelo respeito à diversidade, pela solidariedade e pela responsabilidade com o outro e com o planeta e com os desdobramentos de escolhas. A escola, sob essa luz, deve ser o espaço onde se aprende a cuidar de si, do próximo e do ambiente, assumindo posicionamentos diante das questões socioambientais que afetam a dignidade humana. É um chamado para formar cidadãos que não apenas conheçam seus direitos, mas que compreendam e assumam seus deveres na construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Já os princípios políticos nos lembram que a educação é um ato de cidadania. Formar politicamente não é doutrinar, mas sim capacitar o indivíduo para o exercício da vida em sociedade, se não pleno, pelo menos viável e possível a partir do respeito à dignidade humana. Isso significa garantir o direito ao diálogo, à análise crítica de diferentes posições, à argumentação fundamentada e à participação ativa nos processos decisórios da vida pública. A escola que se orienta por esse princípio estimula a autonomia, a capacidade de reivindicação e a compreensão do mundo social e natural, para que cada estudante possa intervir nele de forma consciente e transformadora.

Por fim, e não menos importante, os princípios estéticos resgatam a dimensão da sensibilidade, da criatividade e da ludicidade, muitas vezes esquecidas em um currículo excessivamente racional e conteudista. Eles nos falam sobre o direito de experimentar o mundo por meio de diferentes linguagens: a arte, o corpo, o gesto, a música, a literatura. Valorizar a estética na educação é reconhecer que o

potencial criativo e a expressão de ideias e sentimentos são tão fundamentais quanto o desenvolvimento do raciocínio lógico. É por meio do lúdico e das manifestações artísticas que a criança e o jovem não apenas aprendem sobre o mundo, mas também aprendem a expressar sua própria visão de mundo.

Ao olharmos para a educação básica brasileira, fica evidente que o grande desafio não está apenas em definir esses princípios, mas em efetivá-los no cotidiano escolar. Como integrar a ética, a política e a estética em um planejamento pedagógico que muitas vezes se vê pressionado por resultados de testes padronizados? A resposta parece estar em resgatar o papel da escola como uma comunidade de aprendizagem, onde o conhecimento é construído de forma significativa e o estudante é visto em sua totalidade. A formação integral que almejamos não é um sonho distante, mas um compromisso diário de educadores, gestores e de toda a sociedade. É nesse terreno fértil que se planta a semente da busca por um futuro mais humano, criativo e democrático.

Maceió-Alagoas-Brasil

Paulo Gomes Lima

Editor